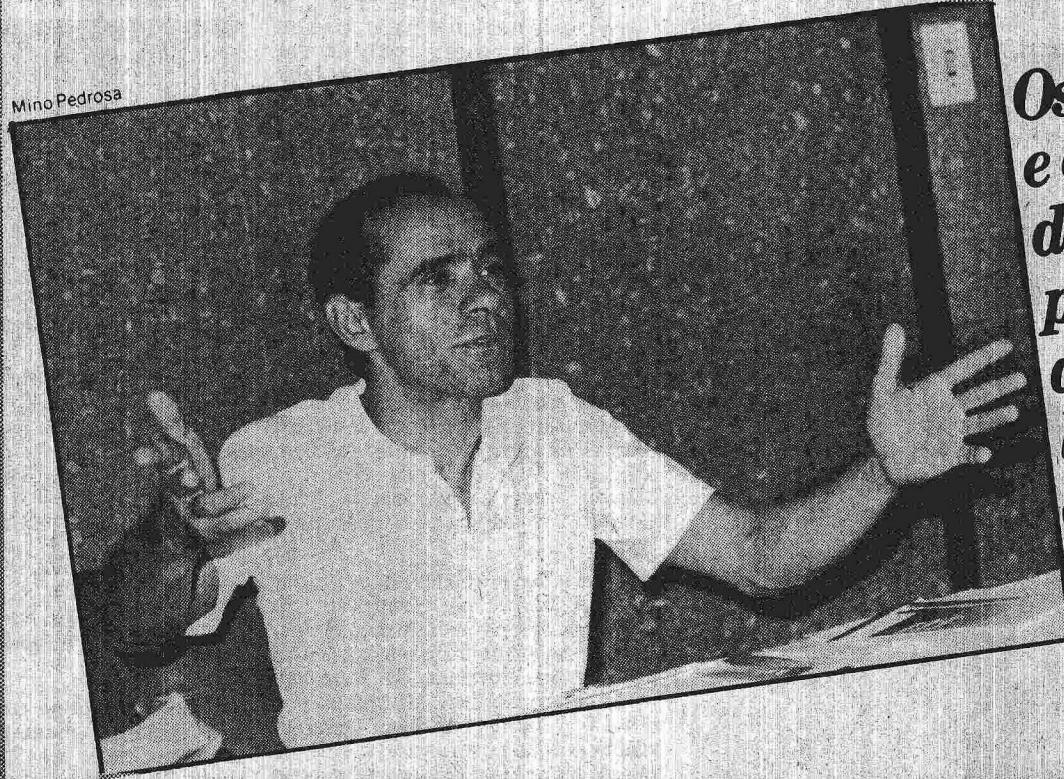


ARTE E PODER



Mino Pedrosa

Os artistas, as entidades e os animadores culturais da cidade estão mobilizados para que, no próximo governo, a Capital da República, ao lado de sua função política-administrativa, se transforme num importante centro de produção e difusão cultural



José Carlos Dias e Sheila Aragão: articulando um movimento para dar novos rumos à política cultural da cidade

Brasília vai ser pólo cultural?

Esta é a intenção dos artistas que querem indicar um nome para a FCDF

Aproxima-se a data de mudança do governo do Distrito Federal, e a comunidade artística da cidade começa a se mobilizar em torno da sucessão. A direção da Fundação Cultural do DF. O candidato à Presidência da República Tancredo Neves é a grande esperança, e para ele será entregue um documento, provavelmente no próximo dia 15, com a indicação de sete nomes para o lugar hoje ocupado por Carlos Fernando Mathias, além de uma lista de reivindicações.

O documento é redigido por uma comissão formada pelos jornalistas e artistas de teatro José Carlos Dias e Sheila Aragão, pela jornalista e crítica de artes Maria do Rosário Caetano e pelo documentarista Marco Antônio Guimaraes. Encabeça a lista dos sete nomes, o jornalista e fotógrafo Luiz Humberto, mais votado em reunião na qual compareceram representantes da comunidade artística, produtores e consumidores de cultura. Os outros nomes indicados são os da pesquisadora da área cultural Maria Duarte, do documentarista Marco Antônio Guimaraes, do cineasta Vladimir Carvalho, do embaixador Wladimir Murtinho, do poeta Ferreira Goulart (primeiro diretor da Fundação Cultural do DF) e do ator e diretor de teatro B. de Paiva.

Em duas semanas, foram realizadas quatro reuniões, mas a mobilização teve início há cerca de quatro meses. Segundo o jornalista José Carlos Dias, trata-se de um movimento absolutamente apertado, que espera adesão de um número cada vez maior de pessoas nas reuniões que acontecem no Garvey Park Hotel.

Participam das reuniões artistas, animadores culturais, cineastas, que já contam com apoio de diversas entidades, como a Associação Brasileira de Documentaristas - DF, Sindicato dos Escritores do DF, Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Planalto, Associação dos Artesãos de Taguatinga, Associação dos Artesãos do DF, Federação de Teatro Amador do DF.

Reivindicações
No documento que será entregue a Tancredo Neves, por uma outra comissão que já está em formação, conforme José Carlos Dias, constam tópicos referentes a todas as áreas capazes de dinamizar a manifestação cultural nesta cidade. "Brasília não se configura como um polo industrial, mas sim como uma cidade com grande vocação para se tornar um polo irradiador de cultura. Partindo daí, nos sentimos na obrigação de fazer sugestões que possam nortear a criação de uma política cultural para o Distrito Federal".

O movimento reivindica que sejam revistos os currículos escolares, permitindo a crianças e jovens maior acesso à informação artística e cultural, bem como a criação de mecanismos mais efetivos e duradouros para que as pessoas tenham acesso à produção cultural.

Sugere, ainda, que às cidades-satélites sejam destinadas verbas específicas para que possam gerir suas manifestações culturais e a criação de uma assessoria exclusivamente para tratar do assunto. Que sejam abertos à comunidade os auditórios de todos os complexos escolares, e que os espaços culturais das empresas estatais e paraestatais sejam também de fácil acesso.

A criação de dispositivos legais que impeçam demolições ou desativação de espaços culturais, evitando assim, que se repita o que

aconteceu com o Cine Teatro Cultura, o Teatro Garagem do Sesc, o Centro de Criatividade e tantos outros, é outro tópico levantado no documento.

E apontada a necessidade da liberação de linhas de crédito, e na medida do possível, incentivos fiscais, permitindo dedução no Imposto de Renda, para que as empresas privadas sejam motivadas a investir em novos espaços culturais. Os artistas pedem participação efetiva nos órgãos culturais e acesso às informações concernentes ao desempenho de atividades das instituições com ações diretas ou indiretamente ligadas à promoção cultural.

Finalmente, o movimento exige a discussão em torno da implantação de um arquivo público, argumentando que a cidade, recentemente, começa a perder sua memória.

Momento político

— Não sabemos quem serão os futuros governador e secretário da Educação e Cultura do Distrito Federal, mas, diante da configuração do atual quadro político do país, não há dúvidas de que o próximo presidente da República será Tancredo Neves. Portanto, acreditamos que é a ele que devemos encaminhar nossas reivindicações — explica José Carlos.

Segundo ele, as pessoas mobilizadas em torno da sucessão na diretoria da Fundação Cultural aproveitam o momento em que

Sheila levanta a questão da censura. "Nós aqui em Brasília somos censurados duplamente. Um espetáculo, depois de ter sido exibido no Rio de Janeiro e em São Paulo, quando chega aqui, corre o risco de ser censurado novamente e, até mesmo, de ser suspenso. Quem não se lembra da peça *Pegue e Não Pague*, de Dario Fo, que ficou em cartaz em São Paulo, durante oito meses e que, em Brasília, a censura tentou segurar. A Revista do Henfil teve sua apresentação aqui ameaçada até com bomba no teatro. Não se pode admitir isso. Por que os paulistas podem assistir uma peça e nos não?"

— Para mim — continua — esses são os dois pontos cruciais a serem estudados: a participação da comunidade nas decisões da Fundação Cultural e os critérios adotados pela censura para vetar ou não espetáculos. Temos que dialogar com pessoas que falem a mesma linguagem que nós. Precisamos saber, por exemplo, para onde vai verba da Fundação.

Numa linguagem mais ampla, somos acionistas da Fundação como qualquer acionista de empresas que mostram o seu balanço mensal e anual. Por que a Fundação não faz isso? Admito que a verba para cultura nesse país é irrisória. Acredito até que a Fundação não tenha dinheiro, mas ela tem que mostrar, para que possamos trabalhar lado a lado.

Na sua opinião, o maior defeito da Fundação Cultural, é ser uma instituição fechada da qual a população não participa. "Adoro ópera. Acho importante a produção de óperas, mas quem disse que a manifestação cultural mais importante para o povo seja ópera? Tem sentido gastar uma grana violenta na produção de uma ópera que ficará em cartaz somente cinco dias?"

— Brasília carrega um karma desgracado que é ser uma cidade meramente administrativa. As pessoas de fora saem daqui falando que aqui não há nada em termos de movimentação artística. Isso não é verdade. Essa história de que a população daqui muda de quatro em quatro anos está deixando de ser procedente. As pessoas estão ficando, e a cidade comporta espetáculos decentes. Já há espetáculos bons em cartaz.

A jornalista lembra, ainda, que a questão da participação ativa da comunidade na vida artístico-cultural da cidade está diretamente ligada à questão da representatividade política. Para ela, a verdadeira independência só será alcançada através da representatividade política do Distrito Federal, em todos os níveis, e de uma completa reformulação no processo cultural e intelectual, simultaneamente à transformação do processo econômico-social. "Se a comunidade participar da escolha de seus representantes e dirigentes políticos, ela vai poder cobrar".

Para José Carlos, há excessiva centralização de decisão na Fundação Cultural. "Isso não pode continuar acontecendo. A assessoria de teatro, por exemplo, deve ter o mínimo de poder de decisão sobre a pauta dos teatros, evitando que compromissos com grupos locais sejam preteridos para atender interesses mais fortes de fora".

— Nós queremos influir no processo sucessório da direção da Fundação Cultural — continua — para não sermos surpreendidos com um nome que não atenda aos interesses da comunidade artística.

Para José Carlos, há excessiva centralização de decisão na Fundação Cultural. "Isso não pode continuar acontecendo. A assessoria de teatro, por exemplo, deve ter o mínimo de poder de decisão sobre a pauta dos teatros, evitando que compromissos com grupos locais sejam preteridos para atender interesses mais fortes de fora".

"É preciso que os grupos locais e a própria população tenham maior acesso à informação"

Tancredo propõe um governo democrático, contribuindo da forma que lhes cabe para o projeto de retorno de um Brasil livre e soberano. "Tancredo diz que não governará sozinho e quer a participação de todos. Entao, paralelo a suas promessas de mais trabalho, salário justo, saúde etc, sugerimos a criação de uma política que favoreça a informação e a produção cultural em benefício de todos".

— Nós queremos influir no processo sucessório da direção da Fundação Cultural — continua — para não sermos surpreendidos com um nome que não atenda aos interesses da comunidade artística.

Para José Carlos, há excessiva centralização de decisão na Fundação Cultural. "Isso não pode continuar acontecendo. A assessoria de teatro, por exemplo, deve ter o mínimo de poder de decisão sobre a pauta dos teatros, evitando que compromissos com grupos locais sejam preteridos para atender interesses mais fortes de fora".

Gostaríamos que o Conselho Deliberativo da Fundação Cultural realmente fosse capaz de influir na política da Fundação, ao invés de apenas assinar despachos anteriormente elaborados. Assim que os nomes dos governador e secretário da Educação e Cultura estejam definidos, encaminharemos, também, um documento a eles".

Cidade do poder

Na opinião da jornalista Sheila Aragão, quem quer assumir a direção da Fundação Cultural "vai enfrentar quinhentas mil barras, porque Brasília é a cidade do poder, onde todo mundo se sente no direito de mandar um pouquinho. Por isso, vai ter que contar com o respaldo de toda comunidade artística, não só na hora de dizer sim, mas principalmente quando disser não a determinadas coisas. Esse é que vai ser o problema — dizer não".

Lamenta, também, a distância mantida pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos de Espetáculos e Diversões do DF do movimento que se desenvolve. "O Sindicato dos Artistas inerte. Não participa desta mobilização como não participa de nada. É uma entidade não representativa e está fechada aos seus problemínhas".

Outro ponto frisado por Sheila Aragão diz respeito às promessas que não se concretizam. "O Sesc garantiu que o Teatro Garagem não seria desativado e foi. Resta esperar que o presidente do Instituto Nacional de Artes Cênicas (Inacen), Orlando Miranda, cumpra a sua promessa e sei que vai cumprir, de ativar os dois teatros do Centro de Convenções com verba que já conseguiu no Ministério da Educação e Cultura. O Orlando é uma das pessoas que acreditam em Brasília".